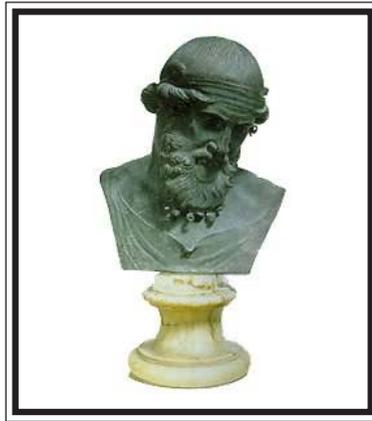


A TEORIA DAS FORMAS DE PLATÃO

Eliane Christina de Souza



RESUMO: Este texto propõe uma abordagem de alguns problemas relativos à teoria platônica das formas. Uma vez que não há, nos diálogos de Platão, uma exposição completa e acabada da teoria das formas, é possível entender que as formas aparecem, no texto platônico, como resposta a alguns problemas relativos à ontologia, à epistemologia e à lógica, resposta esta que é resultado de uma reflexão sobre as contradições que os atributos dos seres sensíveis manifestam. Sugere-se, então, uma interpretação das formas como partes essenciais da constituição dos seres.

PALAVRAS-CHAVE: Platão; Ontologia; Conhecimento; Discurso.

ABSTRACT: This text advances an approach to some problems concerning to the Platonic theory of forms. Assumed that there is no an accomplished and complete exposition of the theory of forms in the Platonic dialogues, it is possible to understand that the forms emerge in the Platonic texts as answers to problems related to the ontology, epistemology, and logic. Such responses are results coming from reflections on contradictions which attributes of sensible beings manifest. So it is suggested an interpretation of the forms as essential parts of the constitution of beings.

KEYWORDS: Plato; Ontology; Knowledge; Discourse.



A forma, ou idéia, tradução do grego *eidos*, aparece em uma grande parte dos diálogos platônicos como o objeto do conhecimento, em contraposição aos seres sensíveis, sobre os quais não há *episteme*. Se pensarmos em uma teoria das formas em Platão, devemos notar que ela não está completamente formulada em nenhum diálogo. O *eidos* surge, na maioria das vezes, como resposta à tensão entre dois planos: de um lado, a identidade e a unidade exigidas pelo pensamento e pelo discurso; de outro lado, a diferença e a multiplicidade características dos fenômenos.

Para Platão, só se pensa e só se fala de algo determinado. O discurso e o pensamento e, portanto, o conhecimento, referem-se a seres unos e idênticos a si mesmos. Mas os seres da *phýsis* são sujeitos à mudança, são múltiplos e sem identidade permanente, o que traz uma dificuldade em fundamentar o discurso, o pensamento e o conhecimento. Parece ser este um dos problemas que perpassa a filosofia grega desde os pré-socráticos. A solução platônica para essa dificuldade está na busca de realidades inteligíveis que garantam identidade na diferença, unidade na multiplicidade.

Os sensíveis são aparência; as formas são em si. Aos primeiros corresponde, no plano cognoscitivo e discursivo, a *dóxa* (julgamento); às formas corresponde o *lógos* (discurso racional) e a *episteme* (conhecimento). As formas são apresentadas como causas dos fenômenos. Vemos, por exemplo, em *Fédon* 100c-d, que a forma do belo é causa da existência do belo em si. Do mesmo modo, a causa das coisas semelhantes é a semelhança em si, a causa das ações justas é a justiça em si, das ações virtuosas, a virtude em si.

Ao caráter ontológico das formas estão intrinsecamente ligados o caráter epistemológico e o caráter lógico. A condição do discurso e do conhecimento será uma

relação entre coisas e formas. Tal relação se explica em termos de participação, também chamada de presença, comunicação, mistura, entrelaçamento. As coisas sensíveis participam das formas, que as fundamentam e delas tiram sua denominação. A vinculação entre ontologia e epistemologia é claramente notada ao longo dos diálogos, e está mais bem formulada na analogia da linha exposta em *República* 509d-513c, em que, para cada um dos vários níveis de estatuto ontológico, corresponde uma operação cognitiva. No que se refere à relação entre ontologia e discurso, as formas são identificadas como a causa do *lógos*, mais especificamente em *Sofista* 259e: é devido ao entrelaçamento das formas que o discurso nasce.



© Alexander Bar

Essa relação ontológica, epistemológica e lógica que os sensíveis têm com as formas se expressa, no pensamento platônico, como imitação. O sensível é, muitas vezes, tratado como uma imagem do inteligível. Embora este seja um recurso para explicar a relação entre sensíveis e inteligíveis, ele não deixa de trazer certas dificuldades. O próprio Platão foi o primeiro a perceber tais dificuldades em *Parmênides* 132d-133a. Nesse diálogo, Sócrates sugere à personagem Parmênides que as formas estão em permanência na realidade sensível a título de paradigmas, que as coisas se lhes assemelham e são suas cópias. Parmênides refuta essa hipótese de compreensão da relação sensível-inteligível, alegando que, se a coisa for semelhante à forma e a forma à coisa, é necessário que o semelhante e seu semelhante participem de alguma coisa una, idêntica aos dois.

Em outras palavras, a objeção de Parmênides consiste em notar que a



participação entre sensível e forma em termos de semelhança pressupõe que se coloque, acima dessas duas coisas semelhantes, a forma que contém a razão da similitude. O mesmo problema ocorre na ficção dos dois Crátulos no diálogo homônimo (432 a-d), na qual a imagem de Crátulo, mantendo com ele uma total semelhança, torna-se um duplo de seu original, não uma imagem.

Temos, tanto no exemplo do *Crátulo* quanto naquele do *Parmênides*, uma concepção distorcida da imitação. Tais erros se originam da compreensão da semelhança como uma relação simétrica entre imagem e modelo, na qual a imagem seria semelhante ao modelo e o modelo seria igualmente semelhante à imagem. A relação de semelhança entre coisa sensível e forma deve ser, portanto, assimétrica. A coisa sensível é semelhante à forma, mas o contrário não ocorre. Assim, a forma não deixa de ser perfeita e imutável em sua relação com as coisas. Em uma relação de imitação, o modelo possui um estatuto ontológico superior à imagem que o imita. O ser mimético e aquele que é imitado são de naturezas diferentes: o modelo é sempre mais perfeito que a imagem. E é exatamente a imperfeição que caracteriza a imagem, diferenciando-a do modelo.

Uma realidade que se assemelha à outra de algum modo a presentifica, atua como seu signo de reconhecimento. E parece ser neste sentido que o sensível imita o inteligível. O sensível é signo de manifestação do inteligível, que faz lembrar uma outra realidade que o fundamenta. Se a relação que os seres sensíveis mantêm com as realidades inteligíveis pode ser entendida como uma relação de manifestação, revelação, evocação, lembrança, podemos pois nos remeter a uma outra teoria platônica: a teoria da reminiscência. Reconhecer seria identificar, na fragilidade ontológica do sensível, a forma que o fundamenta.

Feita essa abordagem inicial, exponho um problema fundamental sobre natureza das formas e sua relação com os sensíveis. O exame do *eidós* platônico nos leva a perguntar se para cada ser sensível há, em um “mundo das formas” ou “mundo das idéias” separado, uma forma única e homônima que lhe corresponde e lhe serve de paradigma.

Essa questão é exposta por Platão em *Parmênides* 130b-e. Certamente, há a forma do justo em si mesmo, e do belo e do bem e de tudo o mais do mesmo gênero, mas a admissão da forma do homem em si mesmo, a do fogo e a da água causa perplexidade, e essa aporia será muito maior quando se pensa nas formas de objetos como cabelo, lama, sujidade e de outras coisas “insignificantes e destituídas de valor”.

Um dos problemas das formas “à parte e diferentes dos próprios objetos que tocamos com a mão” é a dificuldade em delimitar seu escopo. Como nota Aristóteles em *Metafísica* 990b, a admissão de formas homônimas aos sensíveis, além de causar uma multiplicação ontológica ilimitada, levando à necessidade de admissão de formas de coisas que já não existem e de coisas que ainda não existem, em nada contribui para a questão do conhecimento. Pode-se pensar também que, se as formas são condição de possibilidade do discurso, formas homônimas aos sensíveis conduziram a uma concepção do discurso como nomeação, compreensão esta que é recusada por Platão em *Sofista* 251a-c.

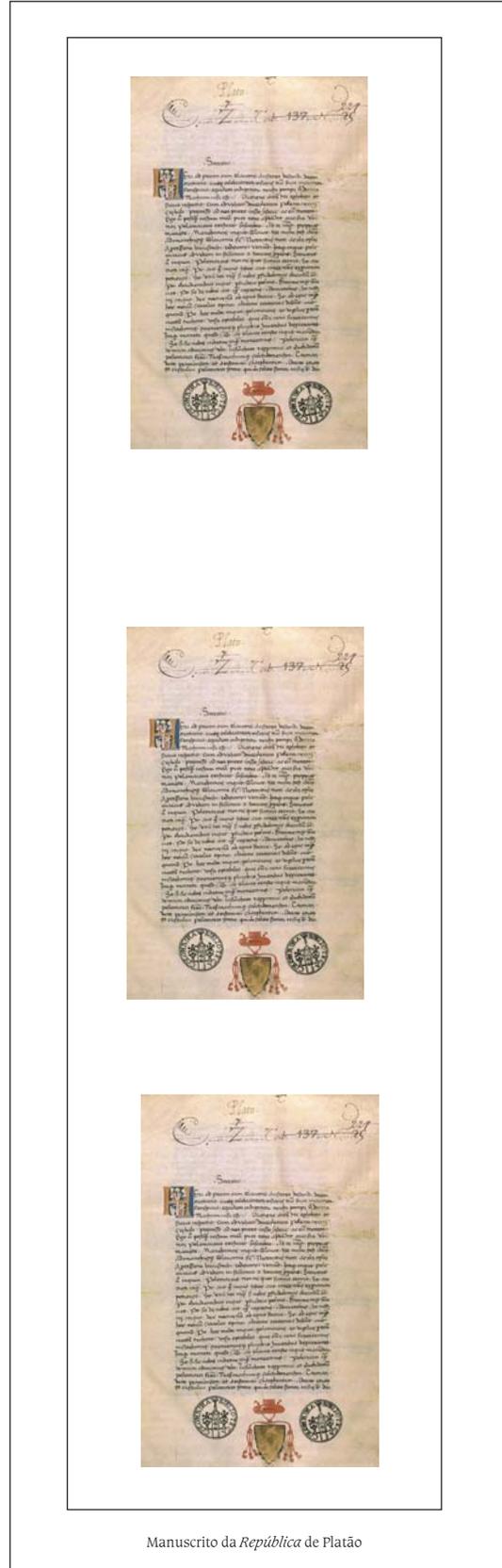
O argumento apresentado nessa passagem aponta para a consequência de uma relação biunívoca entre o que se diz e aquilo de que se fala: o único discurso legítimo seria, então, aquele que diz a natureza própria da coisa, aquele que se refere a algo em seu sentido absoluto. Isso equivaleria a um enunciado do tipo *A é A* ou *isto é A*, que corresponde a uma ausência de informação sobre o ser. Tal *lógos* que nada diz é duramente criticado por Platão.



A admissão de um mundo de formas correlatas aos sensíveis parece, portanto, bastante problemática, além de não se mostrar como uma resposta às questões levantadas por Platão. Mas, se as formas não constituem uma espécie de mundo separado que se objetiva no plano sensível, como compreender passagens como *Fédon* 100d – “é por participarem na formas que as diferentes coisas recebem delas seu nome” – ou *Parmênides* 131a – “admito a existência de formas, das quais as coisas tiram os nomes”, nas quais parece haver uma relação entre um sensível e sua forma homônima?

Em *República* 523a-524d, há uma discussão que aponta para uma outra maneira de pensar a relação entre sensíveis e formas. Nessa passagem, a personagem Sócrates nos diz que a percepção de um objeto não causa perplexidade e não leva a alma a pensar. Por exemplo, a visão me mostra suficientemente que um dedo é um dedo. Nota-se, então, que eu não preciso pensar na “forma do dedo” para saber que coisa é um dedo, visto que “em nenhuma ocasião a visão indicou, ao mesmo tempo, que um dedo fosse outra coisa que não um dedo”. Mas, quanto às qualidades do dedo, a percepção não as distingue suficientemente, pois o mesmo objeto pode parecer pequeno e grande, duro e mole, fino ou espesso. Isso causa na alma uma perplexidade, pois a percepção mostra que a mesma coisa é grande e pequena.

Em tais circunstâncias, a alma se pergunta o que significa uma sensação que assinala que um objeto pequeno é grande e o grande é pequeno. A percepção de objetos ou ações, tomados em seu sentido absoluto, não requer uma operação do entendimento. São as qualidades do dedo que exigem reflexão, pois elas envolvem identificação de opostos em um mesmo ser. A dificuldade que Platão aponta está em saber não o que é um dedo, mas o que é uma coisa grande ou pequena, leve ou pesada, ou seja, em

Manuscrito da *República* de Platão

conhecer suas qualidades. Para isso, a alma tem de refletir sobre as formas do grande e do pequeno, do leve e do pesado, para saber se essas qualidades são a mesma coisa ou se são distintas.

O problema apresentado neste argumento da *República* é a aparente contradição causada pela presença de qualidades opostas em um sensível. Se um dedo parece ora grande ora pequeno, grande e pequeno se mostram a partir de uma mesma coisa. Assim, se o dedo fosse o critério para a grandeza e a pequenez presentes nele, e levando em consideração que o dedo é o mesmo que si mesmo, as qualidades opostas seriam identificadas, já que estão no mesmo ser. Teríamos, assim, um paradoxo que nos obriga a buscar o critério da grandeza e da pequenez, e de todas as qualidades presentes nos sensíveis, em um plano que não depende de nenhum sensível.

A partir desse argumento, parece que as formas não seriam correlatos homônimos dos sensíveis, uma vez que a experiência sensível nos mostra suficientemente o que é um dedo, sem que haja necessidade de recorrer a uma suposta “forma do dedo”. Nesse exemplo, o dedo sensível aparece como imagem não do dedo em si, mas de suas qualidades.

No *Parmênides*, Platão propõe, através da personagem Sócrates, uma solução ao problema da presença das qualidades opostas nos sensíveis, mostrando que as mesmas coisas podem ser semelhantes e dessemelhantes, unas e múltiplas. No entanto, essa afirmação é feita sob uma condição metafísica: a existência das formas semelhança e dessemelhança, unidade e multiplicidade. Existe uma forma da semelhança e uma de seu oposto, a dessemelhança. As coisas que chamamos muitas participam dessas formas e, por essa participação, torna-se semelhante o que participa da semelhança, dessemelhante o

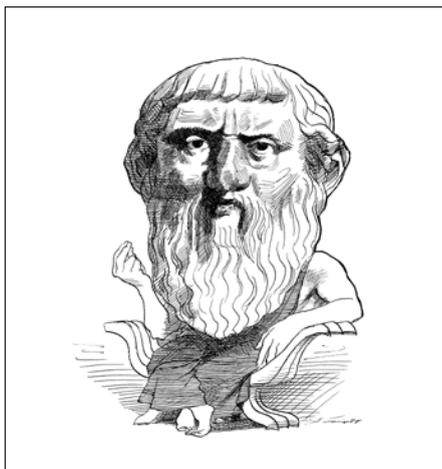
que participa da dessemelhança e ambos o que participa de ambos.

As coisas múltiplas são, pois, tanto semelhantes quanto dessemelhantes, e nisto elas diferem das formas das quais participam. Assim, a teoria das formas apresentada no diálogo *Parmênides* pretende dar conta deste paradoxo do sensível – a possibilidade da presença de estados opostos em uma mesma coisa – ao estabelecer um contraste entre os sensíveis compostos e perecíveis e as formas simples e eternas. Seres sensíveis têm várias propriedades e participam de relações que os tornam complexos, o que exige um princípio para assegurar que cada um é um. Esse princípio são as formas. Elas seriam, pois, o fundamento uno para a complexidade do sensível, complexidade esta que se revelaria como uma multiplicidade de qualidades.

Também no diálogo *Teeteto* há alguns sinais de que Platão tem uma grande preocupação em fornecer fundamentação ontológica para as qualidades opostas dos sensíveis. Em 152d-e, Platão argumenta que, para pensadores como Protágoras, Heráclito e Empédocles, “nada é uma coisa em si mesma, nem pode ser adequadamente nomeada com um termo definido”; como conseqüência, “se dizes que algo é pesado, hás de ver que também é leve”, já que “todas aquelas coisas que nos acostumamos a dizer que são, estão em processo de vir a ser, como resultado da mudança, do movimento e da mistura mútua”. Parece que Platão entende fluxo como mudança de um estado a outro. Esta alternância das qualidades contrárias revela a falta de fixidez ontológica do sensível.

Como linguagem e conhecimento devem estar em um nível exterior ao fluxo, o *Teeteto* traz a necessidade de explicar como as coisas em devir possuem uma determinação que possibilite o *lógos*. Tal determinação, no contexto da filosofia platônica, deve-se a uma relação com as





formas. Mas parece que não se trata de uma relação entre sensível e forma homônima, já que são os problemas relativos à alternância das qualidades dos sensíveis que exigem as formas como resposta.

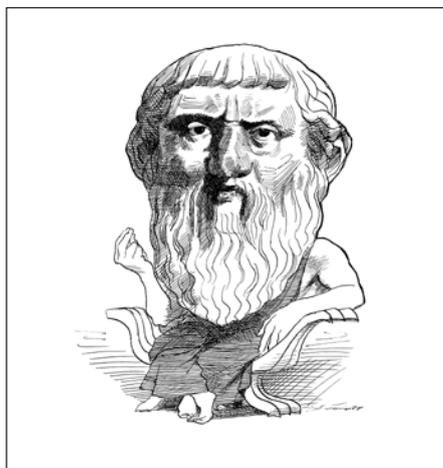
Outra passagem que justifica a interpretação aqui proposta encontra-se em *Fédon* 74c-d, quando Platão expõe a tese da reminiscência. Dentre os objetos da percepção, identificamos duas coisas iguais, como duas pedras. Mas estas igualdades sensíveis são plenas de contradições: as pedras, que se apresentam a nós como iguais, são também desiguais. Imaginemos dois diamantes lapidados da mesma forma. Nós os vemos como iguais. Mas, com um exame mais minucioso, percebemos que há diferenças entre eles, e isso parece contraditório.

Como os diamantes podem ser iguais e desiguais ao mesmo tempo? Essa contradição nos leva a pensar em uma outra igualdade que não seja mais particular nem contraditória: o igual em si. Comparando o igual em si com a igualdade entre uma pedra e outra, ou entre um pedaço de pau e outro, vemos que falta algo a estas últimas para que possam convir ao igual em si. Isto é, a igualdade sensível é semelhante ao igual em si, é sua imagem. E, por ser semelhante ao modelo, traz dele uma “recordação”, assim como o retrato faz lembrar o retratado.

Notemos que não é a “forma da pedra” que está em questão nesse exemplo relativo à reminiscência, mas a forma do igual em si.

A pergunta por uma forma relativa às qualidades parece ser uma constante nos diálogos platônicos. Frente à constatação da multiplicidade de coisas ou ações que têm uma determinada qualidade comum, Platão, por meio da figura de Sócrates, pergunta pelo que é essa qualidade. Quando se chama de belas várias coisas diferentes, a questão que Sócrates traz é: “o que é a beleza?”. Se uma ação parece justa para alguém e injusta para outro, Sócrates pergunta: “o que é a justiça?”. Portanto, seria mais plausível e mais condizente com as questões platônicas compreender as formas como o fundamento ontológico das mudanças de estado que caracterizam os sensíveis.

Ocorrências de formas homônimas aos objetos, tal como ocorre no livro X da *República* – a forma da cama é o modelo da cama construída pelo marceneiro – não remetem ao *eidos* como causa ontológica e epistemológica do sensível, já que o marceneiro não é um filósofo em busca da causa, mas um artesão que tem como modelo o formato da cama. A forma da cama, entendida como aspecto exterior, serviria, nessa passagem, para exemplificar a relação modelo-cópia no plano sensível.



© David Levine

A compreensão da forma como relativa às qualidades dos sensíveis permite entender o vínculo entre o sensível e o *eidos*. Uma leitura cuidadosa do texto do diálogo *Sofista* nos leva a concluir que as formas são constitutivas dos seres. Essa constituição tem expressão ontológica, lógica e epistemológica. Ontologicamente, participar da forma significa ter uma forma como parte constitutiva. Logicamente, participar da forma possibilita dizer as qualidades dos seres. No plano epistemológico, conhecer implica identificar as relações de participação que determinam os seres.

As qualidades dos seres, expressas discursivamente, representam, no plano ontológico, as participações que constituem cada ser. De acordo com a teoria da participação tal como exposta no *Sofista*, os seres participam de algumas formas e não participam de outras. A participação e a não-participação são relações ontológicas que dão razão ao ser de uma coisa, pois os seres são constituídos por sua participação em várias formas e por sua não-participação em outras. Deste modo, as coisas que são, são uma unidade divisível, constituídas de uma multiplicidade participativa interna. O que cada ser é no sentido absoluto, ou seja, o que garante sua identidade, corresponde ao

que ele é e não é no sentido relativo. A percepção mostra a identidade de cada coisa consigo mesma, mas as relações internas que constituem seu ser absoluto só podem ser conhecidas na condição de uma reflexão. Se, por um lado, a visão percebe o dedo em seu caráter absoluto, como ocorre no exemplo acima citado, por outro, ela revela o que é um dedo apenas de modo superficial e convencional, pois não dá conta de distinguir suas qualidades. Por isso a dialética é apresentada em *Sofista* 253d-e como a ciência que busca “separar, segundo o gênero, como cada uma das coisas é capaz de se comunicar e de que maneira não”, já que são essas comunicações e não-comunicações com as formas que determinam cada ser.

As relações de participação podem ser entendidas como fundamento ontológico do discurso que informa sobre a natureza dos seres, e o *lógos*, apresentado no *Sofista* como imagem do ser, revela as relações ontológicas constitutivas de cada ser. Assim, quando dizemos que um sensível tem certa qualidade, enunciamos uma relação de participação; quando dizemos que um sensível não tem uma qualidade, enunciamos uma relação de não-participação. O sensível, por participar de muitas formas e não participar de infinitas outras, apresenta

várias qualidades. Quando falamos de homem, tomando o exemplo em *Sofista* 251a, não dizemos ser ele apenas homem, mas lhe atribuímos cores, formas, grandezas, maldades e virtudes, e também não atribuímos muitas outras qualidades.

Como a participação do sensível na forma está sujeita ao fluxo de mudanças, entende-se porque uma coisa ora é grande, ora é pequena; ora está em movimento, ora repousa; ora é bela, ora não é. Ela é grande quando participa do grande em si e é não-grande quando deixa de participar da grandeza. Os sensíveis que participam das formas são ditos semelhantes a essas formas, e o estatuto dessa semelhança é proporcional à sua maior clareza do ponto de vista cognoscitivo. Assim, a imagem que mais se aproxima do modelo é aquela que melhor permite que se reconheçam as formas das quais participa. O sensível que imita a forma não seria, portanto, uma objetivação da forma homônima. Um belo objeto é uma imagem da beleza, uma ação justa é imagem da justiça. Receber o nome de uma forma, como vimos nas passagens do *Fédon* e do *Parmênides* acima citadas, pode ser entendido como receber uma qualidade por meio da participação em uma forma.

A cadeira que supostamente participa da “forma de cadeira”, recorrendo a um exemplo muito empregado em sala de aula, é uma interpretação da filosofia de Platão que traz sérias complicações ontológicas, discursivas e cognoscitivas, além de não dar conta da natureza da relação sensível-inteligível. A cadeira, na verdade, participa de muitas formas, e não participa de inúmeras outras, e é esta rede de participações e não participações que constitui o ser da cadeira, este ser ontologicamente frágil, porque sujeito ao tempo e à mudança, mas que, ao se mostrar como imagem através de sua imperfeição, permite que reconheçamos as formas das quais participa.

T & M

Texto recebido em julho de 2005. Aprovado para publicação em setembro de 2005.

SOBRE A AUTORA

Eliane Christina de Souza é Doutora em Filosofia. Professora Adjunta do Curso de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Unioeste – Campus de Toledo. Endereço eletrônico: elianechsouza@uol.com.br.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Metafísica**. São Paulo: Loyola, 2001. (Ensaio introdutório, tradução e comentário de G. Reale).

PLATÃO. **Obras completas**. Cambridge-London: Loeb Classical Library, 1996. (Edição bilingüe).

UNIOESTE

Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

REVISTA TEMAS & MATIZES

Versão eletrônica disponível na internet:

www.unioeste.br/saber